

21 OUT 1996

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1996

NOTAS E INFORMAÇÕES

O ESTADO DE S. PAULO - A31

ESTADO DE SÃO PAULO

O último livro do historiador marxista inglês Eric Hobsbawm tem como título *A Era dos Extremos*. O último livro do sociólogo francês François Furet, que foi marxista e depois deixou de sê-lo, chama-se *Le Passé d'une Illusion*.

A referência aos dois livros, e aos respectivos títulos, nos é sugerida pela insistência de certos intelectuais e jornalistas em cobrar do presidente Fernando Henrique explicações sobre a evolução de suas idéias políticas, ou, se preferirem, do seu credo ideológico, desde os tempos em que era apenas um sociólogo engajado, passando pela primeira fase de sua militância política marcada por suas convicções socialistas, até sua ascensão à Presidência da República no embalo do sucesso inicial, que perdura até hoje, de seu plano de estabilização da moeda nacional que seus inimigos rotulam de neoliberal, embora não lhe caiba objetivamente qualquer qualificação ideológica. Se esses intelectuais e jornalistas fossem minimamente familiarizados com a história deste século, com as lutas políticas e ideológicas que levaram Hobsbawm a falar em *Era dos Extremos* — e era dos totalitarismos —, entenderiam que a evolução do pensamento político e ideológico do presidente Fernando Henrique é exa-

tamente idêntica à evolução do pensamento dos mais influentes intelectuais de nossa época, que, como explica François Furet em *Le Passé d'une Illusion*, se engajaram, no início de suas vidas acadêmicas, em sua imensa maioria, no apoio a um dos grandes totalitarismos que surgiram depois da Grande Guerra de 1914-18 e, depois, também em sua quase totalidade, num processo de autocritica explícita, foram renegando suas posições originais para terminarem engajados no combate ao totalitarismo comunista, que foi o que mais arregimentou apoios entre a "intelligentsia" ocidental.

Quando a 2ª Guerra Mundial terminou e se inaugurou o período conhecido como *guerra fria*, alguns dos intelectuais europeus que mais influenciaram as juventudes universitárias do mundo inteiro no pós-guerra — a brasileira inclusive —, com sua literatura engajada em favor da revolução socialista, já haviam completado a autocritica ideológica que iniciaram a partir da sua experiência vivida na Guerra Civil Espanhola. Estamos falando de André Malraux, autor de *La Con-*



dition Humaine e *L'Espoir* — este um relato romanceado de sua experiência como comandante de uma esquadrilha de aviões na guerra da Espanha —, que terminou sua vida pública como ministro do presidente Charles de Gaulle; de Ignácio Silone, autor de dois clássicos da literatura esquerda — *Fontamara* e *Pão e Vinho*, sobre o drama dos camponeses italianos durante o período fascista —, que foi um dos fundadores do PC italiano e, exilado na Suíça durante a guerra, já dizia que o comunismo era o fascismo vermelho; de Arthur Koestler, que também descobriu com sua experiência na Guerra Civil Espanhola o equívoco de sua posição ideológica e nos ajudou a entender a grande mistificação stalinista no seu clássico *O Zero e o Infinito*; e de George Orwell, outro que lutou na Espanha e, mais tarde, em seus dois livros mais famosos — *1984* e *Animal Farm* —, traduziu todo o horror do totalitarismo comunista. Mas foi depois do 20º Congresso do Partido Comunista da URSS e da invasão da Hungria pelo Exército Vermelho que começou a desapa-

recer rapidamente, entre os intelectuais do mundo ocidental, o efeito daquilo que Raymond Aron, o grande intelectual liberal que nunca sentiu necessidade de fazer sua autocritica, chamou em livro clássico de *O Ópio dos Intelectuais*. Com a queda do Muro de Berlim, a Era dos Extremos terminou numa grande síntese. Os intelectuais brasileiros sempre se limitaram a adaptar-se às "modas" políticas e ideológicas européias, que chegam aqui sempre com grande atraso e também com atraso deixam de ser "moda". Na última entrevista em que lhe foi cobrada uma explicação para o fato

O presidente não pensa como antes, mas não explica por que demorou tanto a mudar de idéia

de não pensar hoje como pensava até alguns anos atrás, Fernando Henrique limitou-se a dizer que foi o mundo que mudou e não ele.

É uma meia verdade. Fernando Henrique Cardoso também mudou. Mudou da visão utópica do mundo para uma visão realista, e sobre isso não tem que dar explicações. Fica devendo outra explicação: por que demorou tanto a mudar depois que alguns dos seus maîtres a penser já haviam mudado?